

"Uma etapa no processo de integração" in Cadernos de Economia (Setembro 1990)

Source: Cadernos de Economia. Revista de Análise. dir. de publ. Morgado, Manuela. Julho/Setembro de 1990, n° 12; Ano III. Lisboa: Promeios.

Copyright: (c) Cadernos de Economia

URL: http://www.cvce.eu/obj/uma_etapa_no_processo_de_integracao_in_cadernos_de_economia_setembro_1990-pt-304ed698-2dbe-4b63-ba05-3e95867ee968.html

Publication date: 18/09/2012

Uma etapa no processo de integração

Ernâni Lopes

Economista

Quando falamos na problemática do Sistema Monetário Europeu tendemos um pouco, por razões profissionais, a concentrar a nossa atenção numa faceta do Sistema em particular, e daí a discussão à volta da participação do escudo no mecanismo de câmbio. Julgo que isto é uma visão excessivamente truncada.

Na problemática do SME há que considerar múltiplas vertentes e eu julgo que podemos identificar com segurança seis. Essas vertentes podem ser potencialmente antagónicas, mas podem convergir — e poderão convergir mais rapidamente do que nós pensamos, dada a evolução no quadro comunitário e no quadro europeu em geral.

As seis vertentes são as que passo a enumerar.

O SME como objectivo inicial. O Sistema Monetário Europeu nasce com um objectivo inicial que pouco tem a ver com o que se está a passar hoje. Esse objectivo consistiu, há pouco mais de dez anos, na busca de uma zona de estabilidade monetária relativa, que é uma designação que ainda hoje aparece nos textos formais do Conselho.

É oportuno lembrar que o Sistema Monetário Europeu foi feito contra a vontade dos bancos centrais. Eles não queriam o SME, achavam que ele era uma coisa muito complicada que ia bulir com a soberania. Só que do outro lado estavam dois estadistas de peso: um, que ao tempo era chanceler da República Federal da Alemanha, Helmut Schmidt; outro, presidente da República francesa, Giscard d'Estaing, que mantinham não só relações enquanto líderes de duas nações importantes, mas também relações pessoais profundas.

Tal como é contado pelos historiadores e pelos visados, a ideia parte do chanceler alemão, que reflecte nesta base: a Europa não pode viver nesta instabilidade permanente dos mercados cambiais, com a conseqüente instabilização das relações económicas, precisamos de criar qualquer coisa que agarre as moedas umas às outras e que crie a tal estabilidade monetária relativa. Schmidt terá dito: eu estou disposto a avançar com esta ideia, só que, se eu proponho, os outros começam a ter hesitações. Você está disposto a propô-la? Se você propuser, eu concordo e se nós os dois concordarmos, o resto da questão é consigo. A primeira vertente é, pois, a origem do Sistema Monetário Europeu.

A segunda vertente é um pouco mais complexa, mas muito importante e cada vez mais. O facto de uma moeda estar integrada num mecanismo de câmbios do Sistema Monetário Europeu significa que há um mecanismo mais ou menos automático de disciplina. Tal mecanismo, nomeadamente em termos de disciplina da política económica, da política macroeconómica, acarreta inevitavelmente uma certa limitação de soberania. Julgo que esta vertente intrínseca ao Sistema Monetário Europeu vai desenvolver-se ainda mais no futuro.

A terceira vertente é que o Sistema Monetário Europeu é um facto, e tem mais de uma década de funcionamento. Durante o período difícil da Comunidade, entre meados dos anos setenta e meados dos anos oitenta — grosso modo até finais de 1985 até à Comissão Delors —, o Sistema Monetário Europeu é das poucas coisas que constituem um sucesso comunitário ou, pelo menos, um relativo sucesso. É preciso não esquecer que o SME é um facto com uma década de existência, que atravessa um período de dez anos particularmente difícil para a Comunidade.

A quarta vertente é especialmente importante do ponto de vista do dia a dia. O Sistema Monetário Europeu é também uma rotina operacional onde, basicamente, os intervenientes são os bancos centrais e os operadores nos mercados. Hoje, o SME é isso mesmo e os bancos centrais dos países cujas moedas estão dentro do mecanismo de câmbio dominaram a rotina do Sistema.

A quinta vertente reside no facto de o Sistema Monetário Europeu ser também uma evolução. Ele é um

sistema, ou seja, um agregado de mecanismos, regras e componentes que estão articulados entre si como qualquer sistema — mas não é um sistema estático. É relativamente estável, aguenta bem as tensões, mas não é um sistema parado. Por exemplo, tem havido vários aperfeiçoamentos dentro do funcionamento do sistema e alguns deles relativamente recentes, e que são aperfeiçoamentos importantes para o próprio funcionamento do sistema. Suspeito que vai haver outros a curto prazo, nomeadamente no que respeita à dimensão das bandas de variação.

Há um sexto elemento do Sistema Monetário Europeu que julgo ser o elemento decisivo. É o facto do SME constituir uma etapa. Hoje já não está em jogo apenas o objectivo inicial. Ele constitui uma etapa para um salto qualitativo no processo de integração europeia, isto é, com base naquilo que o sistema constitui como mecanismo de funcionamento e com aquelas cinco vertentes anteriores. O problema do SME actualmente é, antes de mais, o de ser um ponto de partida para um verdadeiro salto qualitativo no sentido de alterar em profundidade a natureza do processo de integração europeia.

Costumo dizer às vezes, com ironia, que há algo de muito mais do que trocar chouriço por trigo, trocar máquinas por navios, que é basicamente o sonho da União Aduaneira, fazendo essa troca sem barreiras. Claro que isso é importante — só que não tem importância comparável com o que vem imediatamente a seguir: desde logo, com os serviços e, sobretudo, com os capitais; com o salto qualitativo no processo de integração, que é a passagem para uma União Económica e Monetária. O SME tem este papel como etapa para esse salto no processo de integração das economias da Comunidade, que está de alguma forma esboçado no Relatório Delors, mas não está pronto e muito menos aprovado.

A questão é esta: enquanto nós falarmos de comércio e de liberalização de trocas, estamos na epiderme da integração, e sabemos que a epiderme às vezes é dura, como acontece nos elefantes. Quando falamos em Sistema Monetário Europeu estamos a começar a entrar nas coisas sérias. É precisamente porque estamos a começar a entrar nas coisas sérias ligadas à transferência de recursos financeiros, à gestão dos lucros financeiros e ao poder de criação da moeda, que o Sistema Monetário Europeu é uma etapa para o salto qualitativo da integração que aponta no sentido da União Económica e Monetária.

É esta vertente do salto qualitativo que o Sistema Monetário Europeu contém que é a verdadeira matéria em discussão.

O que se discute neste momento em toda a Europa é: qual o papel, o objectivo, o mecanismo, a consequência, em suma, a política de sim ou não — espero bem que de «sim» — dar o salto qualitativo no processo de construção da Europa que é a União Económica e Monetária e, com ela, alguma forma de união política.

Suspeito que as economias e as sociedades que se puserem fora desse circuito estão a definir-se, ficam definidas...

De qualquer modo, consideradas as seis vertentes fundamentais, chamo a atenção para um ponto para o qual não tenho ideias assentes, que é o seguinte:

Estas seis vertentes poderão eventualmente convergir para alguma forma de ordem superior no quadro da construção europeia. Podem convergir, podem dar origem, podem, de alguma forma, desmultiplicar-se e agregar os resultados numa construção de ordens, numa forma superior e mais intensa de construção europeia. Não estamos a fazer nenhuma análise de sensibilidade, por exemplo, sobre o que é que isto significa em termos da unificação alemã, em termos da reacção dos outros Estados europeus dentro da Comunidade, o que é que isto significa no esforço de desvio de atenções e de canalização de investimentos que o apoio à Europa Oriental vai significar na Comunidade.

Em todo o caso, a questão fica: as múltiplas vertentes do Sistema Monetário Europeu têm a potencialidade e a capacidade de convergir e de tomar formas claramente mais avançadas de integração no seio da Comunidade.